

Jazz

5 de março 2013

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Eve Risser, Benjamin Duboc, Edward Perraud

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Eve Risser

Contrabaixo Benjamin Duboc

Bateria Edward Perraud

Ter 5 de março

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M3

Ê-não é-é-não-é-é

Com a edição, em 2012, de *En Corps*, o seu segundo título, a nova etiqueta francesa Dark Tree Records fez o pleno: o disco surgiu num incontável número de listas dos melhores do ano pelo menos por toda a Europa. E Eve Risser, a mentora do trio com Benjamin Duboc e Edward Perraud que o gravara, ganhou muito rapidamente um outro estatuto, equiparando-se a valores confirmados como Sophie Agnel e Kris Davis. Não surgia propriamente do nada, pois estava a fazer um bom trabalho com o projeto Donkey Monkey e inserida na Orchestre National de Jazz (ONJ), mas ninguém esperava este salto.

“Hanakana”, o seu duo com a percussionista Yuko Oshima que tem o nome de dois animais do imaginário humorístico da humanidade, revelou uma dotada praticante de música improvisada, e o magnífico *Around Robert Wyatt*, com a ONJ na presente fase diretiva de Daniel Yvinec, mostrou uma intérprete de jazz capaz dos requintes indispensáveis à especial visão que o homenageado ex-Soft Machine tem da canção pop. Ora, *En Corps* é algo de completamente diferente dessas outras incursões, mesmo que possamos reconhecer alguns fatores.

A música tocada tem um caráter estático e próximo do *drone* e recorre frequentemente à repetição de motivos fixos. Algo que contraria as convenções básicas da livre-improvisação, área em que o grupo se movimenta. Só que em *En Corps* o que parece não é e o que não é afinal pode até ser, num jogo

(des)identificatório que nos troca permanentemente as voltas. O escritor e pensador anarquista Robert Anton Wilson defendeu a necessidade de retirar a palavra “é” do vocabulário, para libertar de quaisquer delimitações de parâmetros o “ser” dos homens e das coisas, mas Eve Risser faz melhor do que isso – atravessa os estados, cria uma música aquática ora em forma líquida, ora sólida, ora gasosa.

Com tal finalidade, adota uma atitude de ingenuidade criativa: «Nunca tinha percebido que na improvisação as repetições eram proibitivas, e se tivesse não concordaria com esse tabu. A música é sempre repetitiva. Só há uma determinada quantidade de notas, timbres, ritmos e intensidades. A música é limitada já à partida. Para mim, utilizar padrões é como tudo o resto, uma técnica para dar a sensação de estar parado apesar de em atividade.»

Simular uma suspensão temporal está no cerne dos conceitos minimalistas e estes convidam a tocar menos, que é o que faz a corrente dita reducionista da improvisação. Mas se a música improvisada do triângulo Risser-Duboc-Perraud não é muito obviamente a da *old school*, também não partilha as lógicas de aproximação ao silêncio da *new school*. «Somos muito conversadores, pelo que uma boa solução para parecermos quietos é utilizar padrões recorrentes. É como se dêssemos um passo em frente e um passo atrás para sempre», explica-se Eve. Ou seja, não sendo música improvisada *old school* e *new school*, o vai-e-vem em busca da imobilidade de *En Corps* realiza-se entre esses dois pólos. Ê-não é-é-não-é-é.

E tem mais. O grande propósito do trio é criar uma música para o corpo, não para a mente. Uma música que se sinta na pele antes de o intelecto assimilar. Uma música que potencie situações dissociativas: o organismo adere antes que a cabeça racionalize. É nesta vertente que intervém o fator jazz. Duboc pode ser elíptico com o seu contrabaixo, como uma serpente à caça da própria cauda, e Perraud torna-se obsessivo no uso da bateria, reproduzindo células rítmicas atrás de células rítmicas. São figurativos numa tela abstrata e as figuras que utilizam, os papéis que encarnam, vêm do jazz. Descobrimos isso quando as nossas deduções nos dizem que *En Corps* não é jazz. Não é, mas é. «Não temos consciência do que realmente se passa», justifica-se Eve com toda a inocência. «Nós não analisamos, tocamos simplesmente.»

Para todos os efeitos que se queiram retirar, o formato instrumental é o do trio de piano jazz. Nada tem de familiar com as atuais reconversões desse paradigma histórico, mas houve uma clara opção logo na origem do grupo: «Decidimo-nos por essa direção em vez da proporcionada pela “improv”». Não chamamos a isto jazz, mas o contrabaixista desempenha a parte do contrabaixo de jazz e não a do solista de improvisação, e o baterista atua como, bem, um “baterista”. Quanto ao piano, não sei. No princípio eu era um pouco solística, mas eles não acharam boa a ideia – nesse aspeto, não cumpro o papel do piano no trio de piano jazz. Pegámos numa sugestão do Edward – tocamos no limiar de sermos um trio de

jazz, naquela zona em que quase, quase somos, mas não chegamos a ser.»

Um jazz não-jazz, portanto. «Pois, não venho do jazz e sim da música clássica e da música contemporânea. É essa a minha formação, apesar de também ter ouvido, estudado e praticado o jazz. Toquei jazz afro-cubano, metal-jazz e até o jazz do convencional trio de piano, mas não me considero uma pianista de jazz. A verdade é que não me preocupo com géneros e estilos. São apenas abstrações. Joëlle Léandre diz que tocar jazz é tocar a nossa própria música, nada mais do que isso. É certo que, quando improviso livremente, tendo a ser estática e quando toco jazz tenho um discurso mais narrativo. Mas tudo se mistura e vai sofrendo transformações. O *En Corps* anda aí pelo meio...» É físico até ao nível do transe. Por isso, e não obstante a sua complexidade, tem como característica ser profundamente comunicativo, «é uma música do corpo para o corpo, talvez até uma música de dança».

Acontece ainda que Eve Risser não se vê a si mesma, sequer, como uma pianista. Dedica-se igualmente à flauta e utiliza outras ferramentas sonoras, como a guitarra Barbie, que já é a sua imagem de marca, o theremin, os giradiscos e uma grande quantidade de brinquedos audíveis. Embora domine brilhantemente as técnicas do piano, o que com este faz muitas vezes não soa como um piano. Julgaríamos que faz tábua-rasa do passado deste instrumento não fosse esse passado saltar-nos à evidência numa ou noutra circunstância. Por exemplo, o piano preparado de John Cage.

Esta capacidade de criar música com os recursos que estiverem disponíveis despertou-lhe um especial sentido performativo e este desviou-a do rumo que, na juventude, anunciava um destino: a composição. «Permite-me aceitar os convites que me fazem para tocar mesmo quando os espaços que me recebem não dispõem de um piano. Os meus concertos são mais do que isso, são performances. Algo de semelhante ao teatro musical, em que os aspetos visuais implicados pelo facto de se tocar ao vivo são importantes. Por esse motivo é que trabalho muito com o que chamo “ilusões sonoras” no meu duo com Joris Rühl. Confundimos tanto os nossos sons que, às tantas, nem sabemos quem toca o quê. Os meus outros instrumentos são a resposta à questão “como sentir-me desconfortável, desafiada e com ideias frescas quando não tenho acesso a um piano”. E também me possibilitam introduzir algum humor, e é quando esses elementos de comicidade são raros que melhor resultam.»

Eve sente-se disputada por duas forças: por um lado tem a compulsão de reunir todas as suas influências musicais num mesmo híbrido, mas por outro não resiste à tentação de os separar, «como se tivesse várias profissões, umas vezes sendo uma carpinteira que faz mesas, outras uma pintora de retratos». «Talvez um dia consiga a diversidade na unidade. O meu desejo é que possa ser intérprete, compositora e improvisadora, explorando os diferentes balanços entre música escrita e música improvisada. Talvez num futuro próximo eu consiga definir uma direção precisa:

fazer o mesmo em contextos distintos. Estou sempre a dizer isso a mim própria, mas enfim... Verei onde é que a vida me leva», comenta.

A verdade é que uma boa parte do maravilhamento que Eve Risser, e sobretudo a sua associação com Duboc e Perraud, tem suscitado se deve à sua presente indefinição, às ambiguidades entre o que é e não é, sendo e não sendo em cada instante. Essa radicalidade, esse ir até às raízes para as virar ao contrário, é ainda mais efetiva do que as tentativas de supressão por Anton Wilson, nos seus textos, do verbo em causa.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta

Eve Risser

Entre a música contemporânea, a improvisação livre e o jazz, o seu percurso tem sido dos mais distintivos no quadro da música criativa francesa, demarcando-a de outros utilizadores do piano preparado como Benoît Delbecq e Sophie Agnel. Membro da Orchestre National de Jazz, na qual também toca flauta e uma série de objetos sonoros que inclui gira-discos, mini-theremin e brinquedos de criança, está envolvida em vários projetos da música mais avançada da atualidade, como Donkey Monkey, The New Songs, duo com Jean-Luc Guionnet e Trio Cappozzo/Darrifourcq/Risser, entre outros.

Benjamin Duboc

Com formação de Conservatório em piano e clarinete, estudou contrabaixo com Jean-François Jenny Clarke. Ativo nos domínios do *free jazz* e da música improvisada desde a década de 1990, é igualmente reconhecido como compositor de música eletroacústica e para dança, teatro, cinema e vídeo. Tocou já com figuras de primeiro plano como Oliver Lake, Joelle Léandre, Roy Campbell, Sunny Murray, Henry Grimes, Daunik Lazro e Michel Doneda, numa longa lista que inclui os portugueses Sei Miguel e Luís Lopes. Em todas as áreas em que intervém, considera como sua função «dar forma ao tempo».

Edward Pérraud

Doutorando em musicologia com uma tese sobre a “genealogia da ideia na música”, os seus estudos passaram pelo IRCAM, onde desenvolveu uma análise da obra do compositor espectralista Tristan Murail. Em paralelo, pratica as tablas com o mestre indiano Biplab Battacharia. Membro do trio Das Kapital, especializado na interpretação em formato jazz das partituras de Hanns Eisler, integra igualmente uma das formações mais prestigiadas da escola reducionista da livre-improvisação, Hubbub. Bateriaista muito influenciado pelo rock, partilha o projeto Big com o baixista Frederick Galliaiy e tem feito incursões pela pop com a cantora Elise Caron.

Próximo espetáculo

Orquestra Jazz de Matosinhos convida o pianista João Paulo Esteves da Silva

Jazz Qui 7 março

Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h20 · M3

Orquestra Jazz de Matosinhos
dirigida por Carlos Azevedo e Pedro Guedes
Piano João Paulo Esteves da Silva

O já amplo conjunto de obras para *big band* encomendadas pela Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) foi reforçado com seis músicas da autoria do pianista e compositor João Paulo Esteves da Silva.

O programa deste concerto inclui temas da autoria de João Paulo, com arranjos de Carlos Azevedo (*Certeza e Bela senão sem*); Pedro Guedes (*Tristo, Fado Menor e Canção Açoriana*); *Moché Salyo Misraim*, uma canção tradicional sefardita harmonizada pelo pianista, com arranjo de Pedro Guedes e um sétimo tema, *A Candeia*, escrito e orquestrado pelo próprio pianista. O convite feito pela OJM a João Paulo Esteves da Silva surge como o resultado natural de um percurso do pianista e compositor que tem pontos de contacto

© Mário Santos



com o jazz, desde 1979, ano em que participou no Festival de Jazz de Cascais.

Em 1996 conhece o produtor Todd Garfinkle, com quem inicia uma longa colaboração, documentada em seis discos, e que dura até 2001. Nesse ano, grava um primeiro disco a solo, *Roda*. O seu último disco *Scapegrace*, em duo com Dennis Gonzalez, foi galardoado com o prémio Autores da SPA para o Melhor Disco 2009. Ao longo dos anos são inúmeras as colaborações, em concertos e discos com músicos nacionais e estrangeiros, onde se incluem, nomeando apenas alguns, Ricardo Rocha, Carlos Bica, Cláudio Puntin, Samuel Rohrer, no campo da música instrumental; e também parcerias com cantores como Vitorino, Sérgio Godinho, Filipa Pais, Ana Brandão, Cristina Branco, entre outros.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiárias:

Luísa Fonseca

Patrícia Carvalho

Raquel Oliveira

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Mafalda Munhá

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
